ISSN: 2358-8829

MAPEANDO CAMINHOS DA ALFABETIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE UMA COORDENADORIA DISTRITAL DE EDUCAÇÃO EM MANAUS-AM

Luciana da Costa Campêlo [1]
Samia Darcila Barros Maia [2]

INTRODUÇÃO

A alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental I constitui um marco decisivo para o desenvolvimento educacional das crianças, pois é nesse período que elas adquirem as competências básicas de leitura e escrita que servirão de base para toda a sua trajetória escolar. Diversos estudos apontam que dificuldades nesse processo podem gerar impactos duradouros no desempenho acadêmico e na inserção social dos estudantes (Soares, 2003; Ferreiro & Teberosky, 1989).

No contexto da Rede Estadual de Educação de Manaus, observou-se a necessidade de implementar ações sistemáticas que permitissem acompanhar de forma mais precisa o nível de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I. A ausência de diagnósticos contínuos e de estratégias pedagógicas específicas dificultava a identificação das escolas e turmas que demandavam maior atenção, comprometendo a eficácia das práticas de ensino.

Diante desse cenário, a Coordenadoria Distrital de Educação 03 da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar - SEDUC Amazonas elaborou um projeto voltado para o monitoramento e intervenção pedagógica no processo de alfabetização. A iniciativa buscou não apenas avaliar o desempenho dos estudantes, mas também oferecer suporte aos professores por meio de assessoramento pedagógico e formação continuada, garantindo que as metodologias aplicadas fossem adequadas às necessidades reais das crianças. Assim, este projeto representou uma oportunidade de fortalecer a política educacional local, promovendo a equidade no acesso à alfabetização e assegurando que

[1] Pedagoga, Coordenadora Distrital/Regional da Coordenadoria Distrital de Educação 03 da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar - SEDUC Amazonas, lucianac.1981@educacao.am.gov.br;
[2] Doutora em Educação, Assessora Pedagógica Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar - SEDUC Amazonas e Docente na Universidade Estácio do Amazonas no curso de Licenciatura em Pedagogia, samia.darcila@gmail.com.

todos os alunos, independentemente de suas condições, pudessem avançar em seu processo de aprendizagem.

A alfabetização é um processo essencial para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Segundo Soares (2003), alfabetizar significa não apenas ensinar a decodificação da escrita, mas também possibilitar o acesso às práticas sociais de leitura e escrita. Em Manaus, observa-se que muitos estudantes do 1º e 2º ano apresentam dificuldades nesse processo, o que pode comprometer sua trajetória escolar. Ferreiro e Teberosky (1989) destacam que a alfabetização deve ser compreendida como um processo construtivo, em que a criança formula hipóteses sobre a escrita. Assim, torna-se fundamental implementar um projeto que acompanhe sistematicamente o nível de alfabetização, garantindo que os alunos adquiram as competências básicas para avançar em sua escolaridade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O projeto foi desenvolvido em etapas articuladas que permitiram acompanhar de forma sistemática o processo de alfabetização das crianças.

Inicialmente, realizou-se um diagnóstico por meio de avaliações aplicadas no início do ano letivo, com o objetivo de identificar o nível de alfabetização dos alunos (Ferreiro, 2001). A partir dos resultados obtidos, foram elaborados planos de ação pedagógicos específicos para cada turma, considerando as necessidades e dificuldades apresentadas pelos estudantes.

Na fase de intervenção educacional, implementaram-se atividades lúdicas, oficinas de leitura e escrita, jogos pedagógicos e projetos interdisciplinares voltados para o fortalecimento das competências básicas de leitura e escrita (Moran, 2000). Paralelamente, promoveu-se a formação continuada de professores e coordenadores, por meio de cursos e oficinas que abordaram metodologias ativas e práticas inovadoras de alfabetização (Freire, 1996).

O processo de acompanhamento e avaliação ocorreu de forma contínua, com a aplicação de avaliações periódicas e a elaboração de relatórios de progresso, o que possibilitou ajustes nas estratégias pedagógicas sempre que necessário. Por fim, houve o envolvimento da comunidade escolar, com a realização de encontros entre pais,

ISSN: 2358-8829

responsáveis e equipe pedagógica, nos quais foram compartilhados os resultados e oferecidas orientações sobre como apoiar o processo de alfabetização em casa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização

A alfabetização é um marco essencial no desenvolvimento escolar e social das crianças, pois garante o acesso ao conhecimento e às práticas culturais da sociedade. Planton et al. (2013) destacam que a escrita é uma invenção cultural com mais de seis mil anos, cuja função principal é a comunicação e a difusão de conceitos da humanidade. Assim, aprender a ler e escrever no período adequado é fundamental para que o indivíduo possa se inserir plenamente no mundo letrado.

De acordo com Scliar (2003), a língua escrita constitui um sistema de meios gráficos que possibilita a produção de enunciados e textos aceitos em uma comunidade linguística. Isso significa que a alfabetização não é apenas uma habilidade técnica, mas também um processo social e cultural. Quando realizada no tempo certo, ela favorece o desenvolvimento cognitivo, motor e socioafetivo das crianças, permitindo que elas construam autonomia intelectual e ampliem suas possibilidades de participação social.

Pesquisas apontam que a escrita é uma habilidade complexa, que exige maturidade cognitiva, percepção visual e habilidades motoras finas (Chang & Yu, 2013; Erdogan & Erdogan, 2012; Tseng & Murray, 1994; Volman, Vanschendel & Jongmans, 2006). Por isso, o atraso na alfabetização pode comprometer o desempenho escolar e dificultar o desenvolvimento de outras competências. Overvelde e Hulstijn (2011) afirmam que crianças com desenvolvimento típico consolidam a caligrafia entre os 8 e 9 anos, tornando-a automática e organizada, o que facilita a expressão de ideias e o aprendizado de conteúdos mais complexos.

No Brasil, os dados da PNAD (2019) revelam que ainda existem cerca de 11 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever, o que corresponde a 6,6% da população com 15 anos ou mais. Esse índice reforça a necessidade de garantir que a alfabetização ocorra no tempo certo, evitando que crianças cheguem à adolescência e à vida adulta sem dominar o código escrito. Como afirma Soares (1989), saber ler e escrever é uma necessidade inquestionável em nossa sociedade, pois essas habilidades são utilizadas em praticamente todas as dimensões da vida cotidiana.

ISSN: 2358-8829

Portanto, assegurar que a alfabetização ocorra nos primeiros anos do Ensino Fundamental é uma responsabilidade da escola e da comunidade escolar. Esse processo, quando bem conduzido, não apenas garante o domínio da leitura e da escrita, mas também promove inclusão, equidade e melhores oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional ao longo da vida.

A escrita

A escrita é uma invenção cultural, em que suas primeiras formas datam de seis mil anos atrás. Tem como função a comunicação, ou seja, desempenha o papel de difundir a cultura e conceitos da humanidade (Planton et al., 2013). De acordo com Scliar l (2003), a língua escrita é definida como um "sistema de meios gráficos empregados com o propósito de produzir enunciados e textos aceitáveis em uma dada comunidade linguística"

O processo de aquisição da escrita, independente do sistema ortográfico, implica na contribuição de várias funções motoras e cognitivas, ou seja, um complexo conjunto de bases neurais que apoiam esta habilidade altamente específica (Planton et al., 2013).

A escrita é uma habilidade complexa (Chang e Yu, 2013; Erdogan e Erdogan, 2012), pois requer a maturidade e a integração da cognição, percepção visual e habilidades motoras finas (Tseng e Murray, 1994; Volman, Vanschendel e Jongmans, 2006; Weil e Amundson, 1995; Benjamin, 2005; Canady, 2008; García e Fidalgo, 2008), e é desenvolvida, unicamente, por meio do ensino (Erdogan e Erdogan, 2012).

Overvelde e Hulstijn (2011) afirmam que crianças, com desenvolvimento típico, do ensino fundamental, desenvolvem a caligrafia rapidamente durante o primeiro ano (idade entre 6-7 anos), evolui por volta do 7-8 anos, e torna-se automática e organizada por volta dos 8-9 anos, passando a ser uma ferramenta disponível para facilitar o desenvolvimento de ideias dos escolares. Essa afirmação é corroborada por Amundson, (1995), Tseng e Chow, (2000) e Feder e Majnemer, (2007).

Sabemos que o processo de alfabetização de uma criança inicia nos primeiros contatos dela com o mundo letrado, ou seja, este processo inicia muito antes do aprendizado formal das letras estendendo-se até que ela domine o código de escrita (Luria, 2012).

Ainda de acordo com Luria (2012), as crianças manifestam curiosidade em relação à escrita desde muito pequenas, isso indica a necessidade de aproveitar esse interesse

espontâneo para subsidiar oportunidades e experiências com a língua vernácula, por meio de estímulos de fala, ensinamento de novas palavras e contação de histórias.

Saber ler e escrever, bem como utilizar estas habilidades no dia a dia, em nossa sociedade, é uma necessidade inquestionável, pois a escrita é amplamente utilizada para os mais variados fins, independentemente da idade do indivíduo (Soares, 1989). Dados da Pesquisa Nacional por amostragem de domicílios (Pnad) (2019) revelam que o Brasil ainda possui 11 milhões (6,6%) de pessoas que não sabem ler e escrever. A taxa de analfabetismo revela que são pessoas de 15 anos ou mais que, pelos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não são capazes de ler e escrever nem ao menos um bilhete simples.

Nos últimos anos a discussão e luta acerca da inclusão escolar cresceu, porém, nota-se que este público é considerado o único que necessita destas ações, sem que haja uma reflexão efetiva de que existem vários outros alunos, sem deficiência, e que acabam sendo vítimas de exclusão no ambiente escolar (Leonardo, Bray e Rossato, 2009).

Exclusão esta que afeta alunos com transtornos funcionais específicos, como: dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, transtorno de atenção, hiperatividade (Brasil, 2008, p. 15) e, aqueles que apresentam TDC. Acreditamos que se os sistemas educacionais inclusivos, em seu também processo evolutivo, passarem por uma fase de (des)construção, essa organização deverá ser repensada, implicando em mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas.

Desta forma, a escrita requer que suas análises considerem uma série de subprocessos envolvidos nas mais distintas funções neuropsicológicas (Braibant, 1997).

Nessa perspectiva, destacamos o avanço de estudos que relacionam a aprendizagem da linguagem escrita com as mais distintas habilidades metalinguísticas, envolvendo aspectos de consciência fonológica, consciência fonêmica, lexical, sintática, dentre outros, indicando que tais relações ainda não se encontram suficientemente elucidadas.

Por exemplo, um estudo de revisão conduzido por Joseph e Konrad, (2009) examinou determinados estudos envolvendo a escrita no sentido de indicar a eficácia de programas de intervenção para o aperfeiçoamento da produção escrita de estudantes com dificuldades de aprendizagem. A revisão considerou estudos de 1986 a 2007, incluindo critérios específicos para sua seleção. De modo geral, essa revisão constatou que os

estudantes com dificuldades de aprendizagem se beneficiam dos programas destinados à melhora da produção de textos.

No âmbito nacional destacamos estudos realizados por Spinillo, (1991); Spinillo e Pinto (1994); Ferreira e Spinillo, (2003), Oliveira e Braga (2009), e Capellini et al. (2010), todos visando auxiliar alunos com idades entre 8 e 12 anos com dificuldades na escrita e de aprendizagem por meio da utilização de programas de intervenção pedagógica voltadas especificamente para a escrita, por fim os estudos apontaram melhora da produção escrita dos alunos envolvidos e, consequentemente, no seu desempenho escolar.

Deste modo fica evidente a relação do domínio da escrita com o desempenho escolar dos alunos, o desenvolvimento desta habilidade permitirá ao indivíduo redigir, compreender textos e dominar a ortografia da língua portuguesa (Soares, 1989). Destacamos, porém, que a importância da escrita vai além dos aspectos ortográficos, sendo relevantes no desenvolvimento de outras habilidades motoras e, também, nos aspectos socioafetivos presentes nas relações sociais, visto que a escrita tem significância na comunicação diária, principalmente de crianças e jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos ao longo da execução do projeto evidenciaram avanços significativos no processo de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I em Manaus. O diagnóstico inicial permitiu identificar escolas com maior concentração de estudantes que apresentavam dificuldades em leitura e escrita, o que possibilitou à Coordenadoria Distrital de Educação 03 direcionar esforços e recursos de forma mais estratégica.

A partir desse mapeamento, os professores dessas escolas receberam assessoramento pedagógico contínuo, com foco em metodologias diferenciadas e práticas inovadoras de alfabetização. Essa ação foi decisiva para que os docentes pudessem adaptar suas estratégias de ensino às necessidades específicas dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

Durante o processo de intervenção, observou-se que atividades lúdicas, oficinas de leitura e escrita e jogos pedagógicos tiveram impacto positivo na motivação e no engajamento das crianças. Além disso, a formação continuada oferecida aos professores

ISSN: 2358-8829

contribuiu para o fortalecimento de suas práticas pedagógicas, ampliando o repertório metodológico e favorecendo a troca de experiências entre profissionais.

No acompanhamento periódico, verificou-se uma evolução constante no desempenho dos estudantes. Ao final do ano letivo, quase todos os alunos alcançaram a alfabetização plena, demonstrando que o projeto cumpriu seus objetivos. Apenas os estudantes com comprometimentos cognitivos ou transtornos de aprendizagem não atingiram o mesmo nível dos demais, mas ainda assim apresentaram progresso, ainda que em ritmo mais lento. Esse resultado reforça a importância de considerar a diversidade dos processos de aprendizagem e de garantir estratégias específicas para atender às necessidades desses alunos.

Em síntese, os resultados confirmaram que o projeto foi eficaz tanto no diagnóstico quanto na intervenção pedagógica, permitindo avanços significativos na alfabetização e fortalecendo o papel da escola como espaço de inclusão e desenvolvimento integral. A discussão aponta que iniciativas semelhantes podem ser replicadas em outros contextos, desde que mantenham o foco no acompanhamento sistemático, na formação docente e na participação da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto possibilitou à Coordenadoria Distrital de Educação 03 da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar - SEDUC Amazonas mapear de forma precisa as escolas cujos alunos apresentavam maiores dificuldades no processo de alfabetização. Esse diagnóstico foi fundamental para direcionar o assessoramento pedagógico aos professores, oferecendo estratégias de ensino diferenciadas e adequadas às necessidades específicas de cada turma.

Ao longo do ano letivo, as ações implementadas favoreceram um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz, permitindo que os docentes aplicassem metodologias inovadoras e ajustassem suas práticas conforme os resultados das avaliações periódicas. Como consequência, ao final do ano, os resultados mostraram-se amplamente positivos: quase todos os alunos alcançaram a alfabetização plena.

É importante destacar que, mesmo entre aqueles estudantes que apresentavam comprometimentos cognitivos ou transtornos de aprendizagem, houve progresso significativo, ainda que em ritmo mais lento em comparação aos demais colegas. Esse

avanço, mesmo que pequeno, evidencia a relevância do acompanhamento contínuo e da intervenção pedagógica planejada, reforçando que o projeto cumpriu seu papel de promover a equidade educacional e fortalecer o processo de alfabetização nas escolas da Rede Estadual do Amazonas.

Palavras-chave: Alfabetização; Leitura e Escrita, Assessoramento Pedagógico, Intervenção Pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos à Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar – SEDUC/AM e à Coordenadoria Distrital de Educação 03 pelo apoio fundamental na execução deste projeto. O comprometimento institucional e o suporte pedagógico oferecido foram decisivos para o sucesso das ações realizadas, permitindo que os objetivos fossem alcançados com qualidade e eficiência.

A parceria estabelecida fortaleceu o trabalho coletivo e garantiu que professores, gestores e comunidade escolar pudessem contar com recursos e orientações adequadas para promover avanços significativos no processo de alfabetização das crianças. Sem esse apoio, os resultados positivos obtidos não teriam sido possíveis.

REFERÊNCIAS

AMUNDSON, S. J. **Evaluation Tool of Children's Handwriting.** Los Angeles: OT Kids, 1995.

BENJAMIN, T. **Handwriting Development and Disorders.** New York: Academic Press, 2005.BORGES, E. G.; REIS, F. M.; SILVA, N. M.; BARBOZA, J. L. Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental: uma revisão bibliográfica. Faculdade Multivix, 2020.

BRAIBANT, J. M. **Neuropsychologie de l'écriture.** Paris: Masson, 1997.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CANADY, K. **Handwriting Difficulties in Children.** Journal of Occupational Therapy, v. 62, n. 3, p. 45–52, 2008.

CAPELLINI, S. A.; et al. **Programas de intervenção em escrita.** Revista Psicopedagogia, v. 27, n. 83, p. 45–56, 2010.

CHANG, S. H.; YU, N. Y. **Handwriting Movement Analyses in Dysgraphic Children.** Human Movement Science, v. 32, n. 1, p. 163–173, 2013.

COSTA, M. V. L. **Alfabetização e letramento no ensino fundamental: uma revisão bibliográfica.** Espaço Digital, 2021.

ERDOGAN, T.; ERDOGAN, O. Teaching Handwriting Skills. Procedia – Social and Behavioral Sciences, v. 46, p. 570–574, 2012.

FEDER, K. P.; MAJNEMER, A. **Handwriting Development, Competence, and Intervention.** Developmental Medicine & Child Neurology, v. 49, n. 4, p. 312–317, 2007.

FERREIRO, E. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, **A. Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1989.

FERREIRA, T.; SPINILLO, A. G. **Intervenções pedagógicas na escrita.** Revista Brasileira de Educação, v. 8, n. 23, p. 45–60, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, J. N.; FIDALGO, R. **Writing Difficulties in Children.** Learning and Instruction, v. 18, n. 4, p. 378–390, 2008.

JOSEPH, L. M.; KONRAD, M. **Teaching Writing to Students with Learning Disabilities: A Meta-Analysis.** Journal of Learning Disabilities, v. 42, n. 1, p. 1–18, 2009.

LEONARDO, N. S. T.; BRAY, C. T.; ROSSATO, R**. Inclusão escolar e exclusão.** Revista Educação Especial, v. 22, n. 34, p. 45–60, 2009.

LURIA, A. R. **O desenvolvimento da escrita na criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, M. A.; BRAGA, L. W. **Intervenções pedagógicas na escrita.** Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 45–60, 2009.OVERSVELDE, A.; HULSTIJN, W. Handwriting Development in Primary School Children. Journal of Learning Disabilities, v. 44, n. 5, p. 451–464, 2011.

PLANTON, S.; LONGCAMP, M.; PÉLÉGRINI-ISAC, M.; VELAY, J. L. Writing: **A Cultural Invention Supported by Cognitive and Motor Skills.** Trends in Neuroscience and Education, v. 2, n. 2, p. 57–64, 2013.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Educação.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.SCLIAR, M. A língua escrita. Porto Alegre: L&PM, 2003.

- SOARES, M. **A escrita e a alfabetização.** São Paulo: Ática, 1989.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

SPINILLO, A. G. **Intervenções na escrita infantil.** Recife: UFPE, 1991.

SPINILLO, A. G.; PINTO, G. **Programas de intervenção na escrita.** Revista Psicologia Escolar e Educacional, v. 2, n. 1, p. 45–60, 1994.

TSENG, M. H.; CHOW, S. M. **Handwriting Performance in Children.** Occupational Therapy Journal of Research, v. 20, n. 1, p. 19–36, 2000.

TSENG, M. H.; MURRAY, E. A. **Differences in Perceptual-Motor Skills between Good and Poor Handwriters.** Occupational Therapy Journal of Research, v. 14, n. 1, p. 19–36, 1994.

VOLMAN, M. J. M.; VANSCHENDEL, B. M.; JONGMANS, M. J. **Handwriting Difficulties in Primary School Children.** Journal of Occupational Therapy, v. 73, n. 2, p. 113–122, 2006.

WEIL, M. J.; AMUNDSON, S. J. **Relationship Between Visuomotor and Handwriting Skills.** Occupational Therapy Journal of Research, v. 15, n. 2, p. 93–108, 1995.